

A RELEVÂNCIA DO ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE SOCIAL DAS JUVENTUDES DO SERTÃO CENTRAL CEARENSE EM CONTEXTO DE CONFLITO AMBIENTAL

Lais Alves Moreira Brasileiro
Universidade Federal do Ceará
laisbioufc@gmail.com

RESUMO

No município de Santa Quitéria foi identificada a mina de Itataia, a maior reserva de urânio e fosfato do país. A localização da mina é circundada por comunidades e desde o início de suas pesquisas, estão sendo gerados conflitos em torno de sua implementação. A Juventude é identificada como importante alvo das empresas nos seus discursos de legitimação do projeto, pois representam uma parcela vulnerabilizada da população. O Núcleo TRAMAS vem desenvolvendo o projeto Meio Ambiente, Saúde, Comunicação e Cultura – Transformações Territoriais e a Juventude no Sertão Central Cearense, contemplado pelo edital MCTI/MDA-INCRA/CNPq nº 19/2014 – Fortalecimento da juventude rural. O objetivo deste artigo é de socializar os resultados já observados com o grupo de jovens integrantes do projeto e de questionar a implementação da mina de Itataia no território do sertão central como um exemplo de desenvolvimento conservador e como uma ameaça aos modos de vida do território e reforçar a urgência do combate à invisibilidade social das juventudes do campo em cenários de conflito ambiental.

Palavras-chaves: Juventude do campo; conflitos ambientais; processos de resistências

INTRODUÇÃO

No município de Santa Quitéria, localizado no sertão central cearense, existe um projeto de exploração de uma mina de urânio e fosfato na região. O nome da mina é Itataia e foi identificada como a maior reserva de urânio e fosfato do país, seu projeto vem sendo tocado pelo chamado Consórcio Santa Quitéria, composto pelas Indústrias Nucleares Brasileira (INB) e a empresa Galvani. A localização da mina é circundada por comunidades e desde o início de suas pesquisas, estão sendo gerados conflitos em torno de sua implementação e irregularidades no seu processo de licenciamento

(RIGOTTO. R. et al, 2014). Desde 2010 o Núcleo Tramas (Trabalho, Meio Ambiente e Saúde), vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) e o qual sou integrante realiza pesquisas com intuito de elucidar os possíveis impactos à saúde das populações e ao ambiente em caso de instalação desse complexo minero-industrial.

A realização de nossos trabalhos se dá de forma participativa juntamente com as moradoras e moradores da região. Isso gera uma aproximação no território e estabelece uma relação de confiança que julgamos ser fundamental para uma construção participativa de conhecimento. Nosso trabalho segue desde então, e em 2014 surge uma demanda das comunidades para o grupo de pensar uma ação que fortalecesse os jovens das comunidades. Os jovens são identificados como importantes alvos das empresas nos seus discursos de legitimação do projeto, pois representam uma importante força de trabalho e os argumentos de geração de emprego e de desenvolvimento local se tornam especialmente atrativos para essa parte da população, que é historicamente vista como insatisfeita em seus locais de origem, e assim, representando uma parcela vulnerabilizada.

Compreendendo que esse oportunismo se alimenta do processo de invisibilização social dos jovens do campo e que esse processo não é único dos olhares urbanos, mas que também ocorre nos territórios em que ocupam. Interpretamos essa demanda das comunidades como uma realização dessa invisibilidade social que os jovens vêm sofrendo historicamente e uma percepção da consequência que isso gera, a vulnerabilização dos jovens perante o conflito e o enfraquecimento dos processos de luta e resistência contra a implementação do empreendimento da mina de Itataia.

Acatando a demanda popular, no Núcleo TRAMAS submetemos o projeto Meio Ambiente, Saúde, Comunicação e Cultura – Transformações Territoriais e a Juventude no Sertão Central Cearense e fomos contemplados pelo edital MCTI/MDA-INCRA/CNPq nº 19/2014 – Fortalecimento da juventude rural. O projeto vem sendo implementado desde o início de 2015 e será tocado até o final de 2016. O objetivo deste artigo é de apresentar o projeto e socializar os resultados já observados nas falas, posturas e materiais produzidos pelos educandos que integram o projeto.

O PROJETO, JUVENTUDE RURAL E AS JUVENTUDES DO CAMPO

Nosso projeto, Meio Ambiente, Saúde, Comunicação e Cultura – Transformações Territoriais e a Juventude no Sertão Central Cearense, que vem sendo desenvolvido desde 2015 tem se mostrado muito iluminador para nós e para os sujeitos envolvidos. O projeto prevê um curso de 2 anos seguindo a pedagogia da alternância, tendo tempo-escola e tempo-comunidade. Trabalhamos com um grupo de 35 jovens de 15 a 29 anos de 6 localidades do Sertão Central Cearense, dos municípios de Canindé e Santa Quitéria. Trabalhamos com os eixos temáticos do meio ambiente, saúde, comunicação e direitos

humanos e arte e cultura, visando fortalecer a autonomia dos jovens ao se apropriarem das ferramentas e veículos que os temas fornecem.

As 6 localidades parceiras do nosso curso, Riacho das Pedras, Morrinhos/Queimadas, Lagoa do Mato, Saco do Belém, Itatira, Todos os Santos e Ipueira da Vaca possuem suas semelhanças e diferenças que são muito bem representadas pelo perfil diverso que foi formado em nossa turma. Tanto quando se fala em história do local, quanto de modo de vida, nossa turma possui desde um assentado, estudante de Rede de Computadores no IFCE de Canindé até a um jovem agricultor que se descreve como “Um jovem agricultor com o notebook nas costas”. Essa diversidade foi um importante fator que nos fez repensar sobre o conceito Juventude Rural. Um termo forjado seguindo a dicotomia estabelecida do rural-urbano, desenvolvimento-atraso, que acaba se solidificando tanto no imaginário das pessoas da cidade quanto no das pessoas do campo e nos vocabulários acadêmicos.

A CATEGORIA JUVENTUDE RURAL E SUA INVISIBILIDADE

Ao acrescentar o termo social, estamos nos referindo a situações em que determinados sujeitos se encontram imperceptíveis nas relações sociais. Trata-se portanto de uma ação social que implica em não ver o outro, não enxergar sua existência social e tudo que decorre deste fato. Ou seja, por invisibilidade social entendemos todo um processo de não reconhecimento e indiferença em relação a sujeitos da sociedade. Esta invisibilidade social nega ao outro o direito ao reconhecimento de identidade social (WESHEIMER, 2013).

Existe uma fala constante quando se remete à juventude rural, que é a de que os jovens não mais compartilham interesse pelo campo e só almejam sair para a cidade, sendo uma categoria social que remete a um problema social que é o do esvaziamento do meio rural e a superlotação de cidades de pequeno e médio porte (Guaraná, 2005). Desta forma, essa visão predominante acaba sendo reproduzida tanto pelas populações camponesas quanto pelas urbanas, e culmina a invisibilização as juventudes presentes no campo que não seguem tal modelo imposto de não permanência.

As comunidades de interesse da mina vivem sobre constante pressão das empresas envolvidas no empreendimento e as comunidades reconhecem que os jovens são alvos importantes para os discursos de legitimação. Dessa forma, reconhecem que é preciso envolver os jovens nos processos comunitários e reconhece-los como sujeitos ativos e que devem ser envolvidos nos processos decisórios. É nesse contexto em que a Universidade Federal do Ceará entra em contato com essas populações. Desde de 2015 estamos trabalhando com 35 jovens de 6 localidades do sertão central, visando as possibilidades de resignificações modo de vida de natureza ampla e protagonizada pelas juventudes fortalecidas e não mais invisibilizadas. Pautando a permanência e a construção de autonomia de jovens, agora, percebidos como sujeitos de direito e protagonistas nas decisões de suas comunidades.

TERRITÓRIO EM CONFLITO

Assim, esses conflitos ambientais denunciam contradições nas quais as vítimas não só são excluídas do chamado desenvolvimento, como também assumem todo o ônus dele resultante. Ou seja, eles evidenciam situações de injustiça ambiental, que é a condição de existência coletiva própria a sociedades desiguais onde operam mecanismos sociopolíticos que destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, segmentos raciais discriminados, parcelas marginalizadas e mais vulneráveis da cidadania (ZHOURI e LASCHEFSKI, 2010)

Um território, seja lá de que natureza seja, está em constante movimento. Nessa perspectiva, não existe um território que esteja atrasado ou avançado. A visão de que o desenvolvimento a ser seguido é a que é dita pelo modelo urbano-industrial acaba construindo o meio rural como um lugar de atraso e precário. Essa visão abre espaço para os discursos de desenvolvimento que facilitam a entrada do capital no campo com propostas de grandes empreendimentos que se afirmam na total desqualificação da territorialidade local. Com a total desconsideração da cultura local, esses projetos se consolidam como ameaças ao modo de vida camponês, como bem colocam Rigotto & Teixeira:

Os processos de produção e consumo tendem a promover profundas transformações nos territórios em que se inserem, produzindo conflitos socioambientais, a degradação do ambiente, a contaminação da água, do solo, do ar e da biota e dos alimentos por substâncias químicas (a exemplo dos agrotóxicos), riscos tecnológicos de natureza física, a mudança nos padrões culturais, valores, hábitos, além da alteração de paisagens de importante significado para as populações tradicionais. (RIGOTTO & TEIXEIRA, 2009, p.80)

São processos como esses que se configuram em conflitos ambientais, de onde surgem organizações de resistência dentro da população contra a implementação de tal empreendimento. Não se pode desconsiderar esse contexto ao se pautar a permanência da juventude no campo. São empreendimentos como o da mina de Itataia que modificam completamente as condições de permanência em suas localidades. Reside aí a importância do envolvimento da juventude nos processo de resistência contra grandes empreendimentos.

RESULTADOS OBTIDOS

Entramos no nosso segundo ano de trabalho intenso com o nosso grupo de educandos e já notamos muitas mudanças de posturas e percepções que nos mobilizam a continuar. Reconhecendo nosso projeto como um processo de resistência que pauta uma educação no campo de cunho contextualizado e emancipador, apresentamos aqui, nossos resultados prévios.

Existe um retorno muito positivo dos adultos das comunidades envolvidas no que se diz a participação dos jovens nos espaços comunitários como reuniões de associação, formação de grupo de

jovens, grupos de igreja e envolvimento nos grupos de expressão artístico-cultural das localidades. É interessante notar que os jovens, antes de participarem do projeto, não se sentiam bem vindos nesses espaços coletivos. Chegaram a utilizar a palavra “penetra” que remete a alguém que não é bem-vindo, como uma das sensações que tinham ao tentar participar de tais espaços. Agora, com as atividades do projeto e as devolutivas à comunidade, os jovens possuem pautas nas reuniões de associação para discutir projetos e questões coletivas. Consideramos isso um importante resultado que garante uma continuidade do protagonismo destes jovens em suas comunidades.

Outro importante resultado que visualizamos com o projeto foi a formação de grupos de jovens nas comunidades, nos quais os jovens que participam do projeto se juntam e desenvolvem projetos que não são vinculados ao curso em si. Os jovens de riacho das pedras iniciaram um grupo que está a frente da revitalização da casa de sementes da vila, do quintal produtivo de grilicídias e se organizam para comparecer nos espaços organizados pela Articulação Anti-nuclear Cearense.

Observamos que os jovens possuem posicionamentos fortalecidos diante do empreendimento da mina de itaiaia. Esse projeto vem sendo pautado para a região há 35 anos, logo, todo esse grupo o conhece desde de muito tempo. Com os nossos espaços de estudos sobre o projeto e seus possíveis impactos, suas complexidades e irregularidades, os jovens vêm desenvolvendo suas formas de atuar em suas comunidades contra a implementação da atividade na região. Através da produção de fanzines, músicas, páginas na internet e participação de eventos como II Jornada anti-nuclear, Encontro da RIS e o Curso Popular da Juventude.

Numa ultima atividade sobre protagonismo que fizemos com o grupo, nos deparamos com diversas declarações da turma sobre como protagonizam em suas comunidades. Reconhecendo que seja trabalhando com cultura, meio ambiente ou com as questões comunitárias, eles estão fortalecendo suas comunidades e estão protagonizando processos. Compartilhamos aqui uma fala de uma educanda, moradora de Queimadas, que representa o nosso objetivo com este artigo e nos motiva a continuar com nosso projeto:

Com o projeto minha comunidade se tornou mais aberta a receber opiniões, transformando-se ela em uma comunidade mais participativa. Onde os jovens estão mais visualizados, ou seja, sua participação está mais forte. Com o projeto as pessoas estão mais conscientes dos diversos aspectos sociais. É, tipo assim, quando ia ter reunião da associação ou qualquer outra reunião iam só os pais. Só a “cabeça da casa” como a gente chama. Não ia jovem, a gente ia lá e falavam: o que é que tu tá fazendo aqui menina? Vai pra casa! Mas agora depois do projeto e que a gente vem repassando o que aprendemos, eles querem a gente lá, nos deixam falar, abrem a votação. Se sua opinião for boa eles vão acatar se não eles darão outras opiniões. Os jovens já estão fazendo parte de direções da comunidade. Tipo assim, estamos [jovens] mais informados sobre as coisas. Porque, tipo, o empreendimento da Itaiaia, antes a gente era mudo. Não era a favor e nem contra, porque não tinha entendimento sobre. Mas agora, tanto eu como minha família e a comunidade em si já tem opinião formada, que é a contrário. A gente não quer! (Jovem assentada, 17 anos).

Mais do que tudo esse jovens expressam um carinho imenso por seus locais, laços simbólicos construídos por seus modos de vida que estão constante ameaça do projeto da mina de Itataia. É necessário dar visibilidade às comunidades, escutar as vozes da população, sem excluir ninguém, sobre o que realmente pensam sobre esse projeto. Uma população informada e organizada forma um território forte no qual suas raízes resistem na terra.

REFERÊNCIAS

- GUARANÁ, E. **Juventude Rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra.** In XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 2005.
- RIGOTTO, R.M; TEIXEIRA A.C.A. **Desenvolvimento e Sustentabilidade Socioambiental no Campo, na cidade e na Floresta** In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE AMBIENTAL, 1. 2009, Brasília, DF. Caderno de texto. Brasília, DF: GT Saúde e Ambiente da ABRASCO, 2009.
- RIGOTTO, R. M.; AGUIAR, A. C. .P.; COSTA, D. S.; ALMEIDA, E. F. **Análise do Estudo de Impacto Ambiental do projeto santa Quitéria em suas relações com a Saúde Pública, a Saúde dos Trabalhadores e das Trabalhadoras e a Saúde Ambiental.** Parecer Técnico. Universidade Federal do Ceará e a Universidade Estadual Vale do Acaraú. Fortaleza/Sobral: UFU/UEVA, 2014.
- WEISHEIMER. **Sobre a Invisibilidade Social das Juventudes Rurais.** DESIDADES Revista Eletrônica de Divulgação científica em Infância e Juventude, v. 1, p. 22-27, 2013.
- ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. (Org). **Desenvolvimento e Conflitos ambientais.** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.